



Resenha do capítulo “Autismo y psicosis - Continuación de um diálogo com Robert y Rosine Lefort”, do livro: Laurent, Éric. *El sentimiento Delirante de la vida*. Buenos Aires: Colección Diva, 2011.

Vicente Machado Gaglianone<sup>1</sup>

Laurent retoma suas reflexões acerca do autismo, publicadas em *A Sociedade do sintoma: a psicanálise hoje*. Nos parágrafos iniciais, faz uma espécie de ontogênese do autismo e seus desdobramentos discursivos, enfoque inexistente em *A Sociedade do sintoma* e, em seguida, parece apenas querer lembrar o texto anterior. Entretanto, insere de forma contundente o lugar e a função do objeto voz, delineada por Jean-Claude Maleval e as conseqüências decisivas recolhidas dessa enunciação.

Quando de seu “isolamento” conceitual na esfera discursiva da psicopatologia (1943/44), com Leo Kanner e Hans Asperger, o autismo foi classificado como “uma síndrome clínica rara”, sendo emparelhada à esquizofrenia infantil. Em 1979, porém, os conceitos se separam, ganhando assim, seu nome próprio no campo da nosografia médica. Autonomia que geraria efeitos controversos e inusitados. Ainda na década de 60, movido pelas reivindicações dos pais de autistas da Grã Bretanha, verificou-se uma crescente epidemia de casos de autismo infantil, que agora, visto seu novo estatuto, requeria cuidados assistenciais inimagináveis outrora. Laurent revisita as estatísticas desse novo fenômeno e os desdobramentos discursivos do aparelho técnico-burocrático da empreitada científico-assistencial que a demanda exigia, e assim, vai sublinhar os efeitos nefastos do *furor-curandis* do discurso do mestre. Euforia maniqueísta que desconheceu o esforço de Lacan, quando em “Duas notas sobre a criança” (1975) iria dizer que “seguramente há algo a dizer-lhes”. Dizer que há algo a dizer-lhes concerne ao sujeito autista alguma alteridade, implicando tomá-lo como objeto-causa-de-desejo e não como objeto de gozo, objeto obturador do fantasma parental, rebotalho do gozo do Outro legislador. Lacan, no mesmo texto, fala da posição subjetiva das mães de autistas, por onde Miller retoma e relança a questão

---

<sup>1</sup> Psicanalista, participante dos Núcleos de Psicose e saúde mental e Curumin do ICP-RJ, Mestrando em Psicanálise - Paris VIII e Diretor Clínico da Clitop, Endereço eletrônico: vmgaglia@yahoo.com.br



acrescentando que se trata de um *encierro*<sup>2</sup> deletério que prolonga as modalidades e as disciplinas de *encierro* que Foucault descreve no século XIX.

Laurent, em oposição às insinuações contidas na circular de 2005<sup>3</sup>, onde a psicanálise é acusada de promover efeitos culpabilizantes nos pais de autistas, vai situar a ética psicanalítica dizendo que tais efeitos prescindem da incidência do discurso analítico, e que, ao contrário, se bem lido, o aforismo lacaniano de que os pais façam o que façam sempre o fazem mal, é antes, um discurso desculpabilizante que escapa dos universais da ciência ao reconhecer a particularidade de um sofrimento, e assim, promove uma desidentificação ao comunitário das causas biológicas, concernindo o sujeito na dimensão do *parlêtre*.

O autor define o lugar da psicanálise por relação à epidemia do autismo na contemporaneidade a partir do diálogo mantido com as investigações de Robert e Rosine Lefort. Para eles, a criança autista não deveria ser somente abordada pelo viés imaginário, e sim pelo enodamento do simbólico e do real, e, junto com Maud Mannoni, vai criar em 1969, a “Escola experimental de Bonneuil-sur-Marne”, uma “instituição explodida”, onde desenvolveria experimentações clínicas a partir de pressupostos clínicos guiados pelo ensino de Lacan.

Laurent lembra que, nessa época, como dito anteriormente, o autismo estava emparelhado às psicoses infantis, e que o famoso caso de Rosine orientado por Lacan, “Lobo, Lobo!” traria esclarecimentos decisivos. Verifica-se a primeira versão (o estado nodal da palavra sem função de comunicação) daquilo que mais tarde seria conceituado como o *significante solo* (S1), e que seria o fio condutor de toda obra dos Lefort.

Momento de corte: Laurent afirma que há incidência do simbólico em “El niño lobo”, apesar de encontrar-se no real<sup>4</sup>. Em “Função e campo da palavra” com a elucidação do objeto *a*, Lacan põe o acento devido sobre o lugar e a função do real para o sujeito psicótico, marcando as distâncias necessárias entre a orientação lacaniana, referida

---

<sup>2</sup> *Encierro* em espanhol denota reclusão e inusitadamente “aniquilamento do touro”. Parece-me nada despropositada a expressão. Na cena das touradas está em causa um gozo voyerístico coletivo. O lugar superegóico que toma o discurso do mestre em relação às mães de autistas nos diz de que qualquer semelhança não seria mera coincidência.

<sup>3</sup> Trata-se da circular de 8 de março de 2005, relativa à política de atenção a pessoas afetadas de autismo e de transtornos generalizados do desenvolvimento (TGB). O autor dá como referência: Grolier, M. “L'autisme au XXI siècle”, Cliniques Méditerranéennes, Éres, 2007, n. 76.

<sup>4</sup> Referência em português: Lacan, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*, capítulo VIII, O lobo! O lobo!, p. 107-127.



ao real, e as orientações referidas ao imaginário de Françoise Dolto e pós-Kleinianos como Meltzer e Tustin.

Toda a obra dos Lefort parece ter se configurado, segundo Laurent, como uma espécie de ascese de uma “orientação ao real”, conduzindo a psicanálise com crianças a um nível “mínimo”, onde o corpo aparece de maneira privilegiada como um corpo de significante, onde o real tem seu lugar a partir do objeto *a*, com toda opacidade que lhe concerne, com toda solidão de seu S1, delineando assim, uma clínica centrada sobre o tratamento de sujeitos para quem “*não há Outro*”.

Do “*não há Outro*” à “*inexistência do Outro*” na civilização, abre-se toda uma perspectiva da instauração do postulado de uma “*estrutura autística*”, dialética que culmina com a separação, operada pelos Lefort em 1992<sup>5</sup>, do autismo das psicoses. O autor se pergunta então, a partir dessa perspectiva, se tratar-se-ia de uma modalidade particular de forclusão ou de uma modalidade particular de retorno do gozo no corpo.

Para responder, lembra o dito de Lacan no qual faz referência ao fato de que o autista alucina, havendo assim uma prolongação do simbólico no real. Há, portanto, Outro, entretanto como pura exterioridade, Outro-mestre, colocando o autismo do lado de uma modalidade radical de forclusão psicótica, na qual promove uma redução do estatuto do Outro funcionando como proteção e distância calculada, deixando-o num estado de estabilização catastrófico.

Do modo de estabilização Schrebiana, onde Lacan em 1958 fala da metáfora delirante à estabilização Joyciana do seminário 23, com as “*sintomatizações*” na estrutura psicótica, Laurent se pergunta sobre a especificidade do “*modo*” autístico, contrapondo à ideia dos Lefort ao que se refere à polêmica da continuidade/descontinuidade quando supõe uma saída do autismo para a psicose. Tratar-se-ia antes de verificar a riqueza clínica à luz dos diferentes modos de retorno do gozo, categorizando a esquizofrenia, a paranóia e o autismo em relação ao modo desse retorno.

No caso do autismo, assistimos a localização de uma espécie de objeto permanentemente acoplado ao sujeito, como um órgão suplementar. Verifica-se também a possibilidade da saída da estabilização com um deslizamento em uma metonímia.

---

<sup>5</sup> Lefort, R. y R. *La distinction de l'autisme*. Paris : Le Seuil, col. Champ Freudien, 2003, p.8.



Laurent convoca a nos orientarmos nessa avaliação, a partir dos matemas de Lacan:

S1, S2, \$, a.

### **S1**

Define-se pela passagem do significante ao real e sua repetição sem deslizamento. É o que na clínica com o sujeito autista se verifica como "gosto pela ordem", confundindo o mundo com a ordem do mundo. Tanto pode ser a repetição de um significante isolado, como um circuito mínimo que não se organiza como oposições significantes, mas, como justaposições reais. Apresenta-se como um traço clínico caracterizado pela vontade de que nada mude, vontade homeostática de que o mundo esteja exatamente sempre no mesmo lugar, sem nenhum deslizamento metonímico.

O simbólico como real, avança Laurent, implica uma topologia do espaço pulsional, e é o que inaugura os Lefort com "O nascimento do Outro"<sup>6</sup>: a indiferenciação dos orifícios erógenos, que supõe um espaço que não está construído como um dentro e fora que fosse limitado pelas bordas, mas, antes, um espaço estruturado como um toro, que do ponto de vista da superfície, tanto o interior quanto o exterior seriam sempre exterior. Aí, interior e infinito se equivalem para o olhar. Tal espaço é então indefinido pela ausência da metrificação do falo. São o que dão provas os pseudos déficits visuais nos autistas. Um avião no céu pode estar ao lado. A ausência da significação fálica não permite assim que o mundo seja medido, e, sem essa medida, sem bordas que possam marcar uma pulsação ordenada, o Outro pode sempre invadir o corpo do sujeito com um gozo atroz de efeitos catastróficos. O autor situa o delineamento dessa topologia em momentos lógicos precisos, com o esquema R de Lacan, em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses" e a posterior apresentação da topologia de Lacan feita por Jacques-Alain Miller em seu "Suplemento topológico à questão preliminar..."<sup>7</sup>.

### **S2, o saber**

Os autistas mantêm uma relação ao saber da língua em oposição direta, radical, de pura exterioridade. Uma relação persecutória absolutamente constituída, de maneira que eles tentam reduzir a desordem de *lalangue* a uma linguagem da qual poderia se extrair regras fixas, que assim constituídas, disjuntas de toda relação com o corpo,

<sup>6</sup> Lefort, Rosine e Robert. O Nascimento do Outro: duas psicanalises. Salvador: Fator, 1984.

<sup>7</sup> Miller, Jacques-Alain. Matemas I. Buenos Aires: Manantial, 1987.



com o imaginário, restam como desprovidas de qualquer afeto. O jogo do simbólico é "realizado" sem nenhum equívoco.

### **§, o sujeito**

A posição de sujeito que o autista ocupa, para Lacan, em poucas palavras: é aquele do qual se fala. Por isso mesmo, identificado, cristalizado a um dito parental ou a uma atribuição educativa.

Nas saídas desejáveis, o sujeito se separa do Outro, subtraindo-se dessa primeira posição e para tanto constrói um saber delirante, uma espécie de psicotização. Entretanto, quando tal trabalho não vai a termo o que advém é o estupor de uma pura ausência real. Ainda assim, pode-se dizer que em ambos os casos o sujeito está em causa.

### **O objeto a**

Pode-se verificar diferentes modalidades de acoplamento do sujeito autista a um objeto bizarro, suplementar e eletivamente erotizado. Trata-se de um objeto de gozo fora do corpo e que por sua existência autentica a categoria de objeto *a*. O corpo do sujeito mantém uma relação com ele de permanente realocação, ora rechaçando-o ora acoplando-o. Com esses objetos, uma bola, um copinho, uma caixinha, ele se apegará ao Outro.

Diferentemente daquilo que Bettelheim teorizou como "criança-máquina", o que se apresenta é a dimensão de uma "criança-órgão", pois o objeto *a* que ela se relaciona, ao contrário do que Bettelheim supunha, é humanizado. Trata-se sempre de um órgão suplementar que ela tenta, às vezes pagando com sua própria vida, introduzir em seu corpo como o órgão que conviria à linguagem.

O objeto-fora-do-corpo torna-se gradativamente um parceiro real do autista, sendo sempre a produção de uma montagem do corpo.

Laurent supõe assim a pertinência da equivalência do autismo com a esquizofrenia, visto o dito de Lacan de que ela seria uma tentativa de acrescentar um órgão ao próprio corpo. O dito esquizofrênico recairia sobre o órgão em questão, pois a linguagem jamais pôde ser órgão.

Laurent diz que, a propósito do lugar do objeto voz, Jean-Claude Maleval organizou de maneira decisiva a clínica do autismo, dando a ele o valor de traço daquilo que é insuportável àqueles que o vivenciam.

**Latusa'**

Resenha do capítulo "Autismo y psicosis - Continuación de un diálogo con Robert y Rosine Lefort", do livro: Laurent, Éric. *El sentimiento Delirante de la vida*. Buenos Aires: Colección Diva,



A marca do gozo não podendo ser extraída da palavra, faz com que a emissão dela seja vivida como uma verdadeira mutilação. Falar é “esvaziar-se”, por isso a dissociação entre a voz e a linguagem está no princípio do autismo, fazendo com que não haja órgão da voz possível para ser incorporado. E, nesse sentido, a relação do autista com seu corpo é tal, que se pode dizer ser um “corpo sem órgãos”, um verdadeiro “encarapuçamento”, onde o sujeito “se goza”, desprovido do trajeto da pulsão que poderia articular o corpo do sujeito ao Outro.

A vontade de castração real da “criança lobo” vem apresentar a radicalidade do rechaço a um órgão cuja função é puro enigma para o sujeito.

Laurent segue, após o exame das letras lacanianas, e coloca a questão crucial: em que consiste, então, a aplicação da psicanálise ao autismo?

Trata-se de permitir ao sujeito autista separar-se de seu estado homeostático com o corpo encapsulado e passar a um modo de “subjetividade” entre dois. Trata-se de se fazer um novo *parceiro* desse sujeito, para além de toda reciprocidade imaginária e renunciando a interlocução simbólica. Prestar-se a tanto pela via do suporte de um objeto (pois sem objeto não há Outro) fora da dimensão simbólica.

Laurent, mais uma vez, faz menção à Rosine com o “lobo! lobo!”, que, com fragmentos da condução da transferência, pode mostrar como se instaurou um “vai e vem” com objetos privilegiados, conduzindo o sujeito a extrair um objeto do corpo do analista, fazendo-o entrar numa série de substituições, construindo assim, as preliminares de uma metonímia.

Laurent segue mencionando um caso de um garoto atendido por Virgínio Baio em Antenne 110. Este menino havia construído um objeto complexo com caixas e copos que devia estar em equilíbrio constante, ao mesmo tempo, encontrava-se em posição fetal e coberto por uma lona. O que é importante é que cada vez que o copo caía, por um desequilíbrio do sistema, vinham as crises com tentativas de automutilação produzindo buracos no corpo. Com o passar do tempo, Baio mostra como se produz uma cadeia que vai “de um objeto a outro em torno de um buraco”. Uma série de substituições que vai da máquina complexa ao lápis, que ele acaba consentindo para escrever. Quando um sujeito toma um lápis em suas mãos e massacra a folha até fazer buracos, é sinal que o Fort-Da não funciona, que é impossível escrever sobre a partida da mãe. O objeto do Fort-Da, a bobina, ou o pequeno ursinho é, segundo Lacan, uma “reserva de libido” com a qual o Outro, a mãe real, a coisa, pode partir.

**Latusa<sup>1</sup>**

Resenha do capítulo “Autismo y psicosis - Continuación de un diálogo con Robert y Rosine Lefort”, do livro: Laurent, Éric. *El sentimiento Delirante de la vida*. Buenos Aires: Colección Diva, 2011 - Vicente Machado Gaglianone



Laurent sublinha como pode ser construído um vazio em torno do objeto a partir do analista como *partenaire* num laço social inédito que é a transferência analítica, que pode permitir que o uso do lápis como “continente mítico”, após seu devido esvaziamento, pode inscrever o sujeito no campo do Outro e como a linguagem pode não ser somente trauma e aniquilamento.